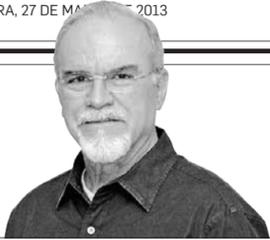


## ROBERTO DAMATTA

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO TELLESDOMINGO  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
LEE SIEGEL

## Conexões

Não é todo dia que um programa de TV voltado ao debate, ao comentário e realizado a pelo menos quatro mãos, chega aos 20 anos, como é o caso do *Manhattan Connection*. Dizem os entendidos que a televisão é um veículo poderoso, mas sem a densidade da escrita que permite não só as entrelinhas, mas a releitura. Na TV, as coisas “passam”, no jornal elas ficam. Podemos recortá-las e entesourá-las como relíquias de pessoas e épocas. Ademais, a TV, mesmo gravada, precisa de um outro artefato para sua reprodução, o que não é o caso do noticiário escrito, o qual dispensa baterias.

Tudo isso para falar da minha satisfação de ter tomado parte da comemoração dos 20 anos do programa na última sexta-feira, dia 22, na TV Globo em São Paulo. O programa, idealizado e ancorado com freudiana maestria por Lucas Mendes, que tem Caio Blinder como um dos seus participan-

tes mais intensos – Caio não faltou a nenhuma gravação desde 1993; que teve o hipercriativo Nelsinho Motta e um polarizador mítico – Paulo Francis – que, com sua poderosa figura, marcava sua presença de Nova York para o Brasil. Com a inopinada morte do Francis, em fevereiro de 1997, o programa sofreu uma reviravolta, mas encontrou outros comentaristas – como o peso pesado Arnaldo Jabor – e sobreviveu.

Hoje, ele conta com o Lucas, o Caio, o Pedro Andrade, o Diogo Mainardi e o Ricardo Amorim – todos devidamente editados por uma paciente e competente Angélica Vieira. Todos realizando seus brilhantes, quase sempre inflados e bem informados, comentários de Manhattan, Veneza (Diogo) e São Paulo (Ricardo).

Tomei, atemorizado, parte no MC como primeiro convidado do programa em fevereiro de 1997, antes da morte do Francis e, logo depois, voltei a participar quando ele saiu do palco, num momento de triste retomada.

Na sexta-feira, em São Paulo, fui honrado como o “primeiro” a tomar parte no programa. Esse “primeiro” que, como vocês sabem, é sempre lembrado, ao lado do “último”. Estive quatro vezes no *Conexão* e em todas descobri o meu sem jeito de comentar os fatos do mundo. Salvou-me o bom humor e o apoio generoso dos participantes. O fato é que eu me sinto melhor com a escrita, que permite ponderar sobre o que se diz e que tem o poder de desdizer dizendo – essa propriedade da literatura. Mas fui e fiz o meu papel.

## Embora seja uma “conexão Manhattan”, o programa tem um indiscutível sabor brasileiro

O convite puxou pela memória. E a grata presença dos velhos conhecidos de duas décadas – o Lucas Mendes e o Caio Blinder levaram-me de volta à Indiana onde conheci o Caio na Universidade de Notre Dame, tendo sido pro-

fessor da Alma, sua esposa. Afora isso, a memória da minha participação no programa é feita de gratos fragmentos. Um deles é a surpresa de testemunhar um programa marcante pela discussão inteligente, bem-humorada e informada das coisas do mundo na televisão. Embora seja uma “conexão Manhattan” com um toque provocador e arguto de Europa dado pelo Mainardi, o programa tem um indiscutível sabor brasileiro, pois nele pipocam alegres dissidências de botecos, informações sofisticadas do melhor estilo jornalístico internacional e a pimenta de uma risinha linguagem brasileira.

Num dado momento, o Lucas (ou teria sido o Caio?) me perguntou o que eu via nestes 20 anos no mundo e no Brasil. Coisa grande demais para dois minutos. Respondi inseguro porque sou ruim no bate-pronto. Fui hesitante ao falar sobre o mundo, e me esqueci do Brasil. Eis o que deveria ter falado:

De 1993 para cá, o Brasil abriu-se e igualou-se ideologicamente. Esquer-

da e direita têm sido substituídas pelo certo e pelo errado, pelo ético e pela ‘calhordagem’. Os meios não podem mais justificar os fins. O básico desse período foi ter a esquerda no poder, como tenho dito muitas vezes nesta coluna. A implacável oposição petista engravidou como situação e governo. Integrou-se na tal “política brasileira”: virou retrógrada e viu nascer a corrupção no seu ventre imaculado. Descobriu-se igualmente insegura, demagógica e populista. Chegamos todos a um ponto comum – onde o radicalismo tem como inimigo simplesmente o bom senso.

No programa eu, atabalhoado, falei do 11 de Setembro. Mas nossas torres destes 20 anos são uma “jamais vista” demanda de igualdade democrática; e, no mundo, a consciência de que seus recursos são menores do que a máquina de um capitalismo ainda desenhado para consumistas ricos e celebridades amorais.

## Visuais. Exposição

## Antonio Gonçalves Filho

Artista consagrado no circuito internacional e representado em coleções como a do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMA), o mineiro Cao Guimarães, 48, ganha sua primeira individual numa instituição brasileira, o Itaú Cultural, que será aberta hoje para convidados (e amanhã para o público). A mostra *Ver É Uma Fábula*, com curadoria de Moacir dos Anjos e arquitetura expositiva de Marta Bogéa, reúne seus oito filmes de longa-metragem, além de 21 vídeos e fotografias apresentadas em slide show. A exposição é a maior já feita do artista e ocupa três andares do instituto, onde também será realizado um workshop com Cao e os músicos do Grivo, grupo formado por Marcos Moreira Marcos e Nelson Soares, que assina as trilhas de quase todos os filmes do realizador.

Inspirado numa passagem do livro *Catatau*, do poeta curitibano Paulo Leminski (1944-1989), que fala do poder que tem a fábula de suscitar novas histórias a partir da narrativa original, o título da mostra define a proposta de diálogo de Cao Guimarães com os espectadores de suas obras. Ver imagens produzidas pelo autor filtradas pelo repertório subjetivo corresponde à sensação de refazer o percurso desse cineasta sempre em busca do insólito. Nesse sentido, sua obra mais radical talvez seja mesmo a série *Histórias do não Ver*, que começou em 1996 e agora virou livro publicado pela Editora Cobogó, lançado durante a exposição.

O artista, na série, submetia-se voluntariamente a um sequestro e, de olhos vendados, era levado a lugares desconhecidos, registrando suas sensações em fotografias cegas que depois formaram uma videoinstalação (em 2001). Cao conta que a série acabou quando ainda estava casado com a também artista mineira Rivane Neuenschwander. Hospedado na casa de um amigo em Madri, acordou sobressaltado com o toque da campainha e, ao abrir a porta, teve um revólver apontado para sua cabeça, levado a uma casa no subúrbio madrileno, obrigado a ficar nu e fazer inscrições no corpo de uma desconhecida, também nua, como no filme de Peter Greenaway (*O Livro de Cabeceira*).

Cinema sempre foi a referência máxima de Cao, que tinha um avô fotógrafo e herdou dele o equipamento com os quais fez suas primeiras experiências. “Era um rato de cineclube, via todos os filmes da nouvelle vague francesa e do Tarkovski”, conta, definindo o russo como seu guru. De fato, há nos filmes do cineasta a mesma tentativa de esculpir o tempo com a imagem, como no curta *Quarta-Fei-*



ERNESTO RODRIGUES/AE

**O diretor.** Em busca do insólito na realidade cotidiana

**VER É UMA FÁBULA**  
Itaú Cultural. Av. Paulista, 149, 2168-1776. 3ª a 6ª, 9 h/ 20 h; sáb., dom. e feriado, 11 h/ 20 h. Grátis. Até 1º/6. Abertura amanhã.

## IMAGENS ESCULPIDAS NO TEMPO

O premiado cineasta Cao Guimarães ganha sua primeira individual no Itaú

ra de Cinzas (2006), em que a câmera acompanha o movimento de formigas após o carnaval, levando os restos da folia para o formigueiro. “Tenho essa fixação nas vidas minúsculas, o que fica explícito em *Nanofania*.” Nesse curta, bolhas de sabão explodem enquanto insetos saltam, acompanhados por uma pianola de brinquedo.

## UM CINEMA DE POESIA, FEITO COM DUPLOS

● Cao Guimarães é o cineasta das coisas desaparecidas ou em vias de desaparecer. Seja *O Fim do Sem Fim* (2001), documentário sobre o fim de ofícios e profissões no Brasil, ou *Elvira Loreley Alma de Dragón* (2012), relato sobre uma cartomante uruguaia que vive com o celular na mão, seus personagens parecem deslocados num mundo em que não

mais se reconhecem. E, quando isso acontece, descubrem no semelhante um espelho distorcido, como *Otto* (de *Otto - Eu Sou Um Outro*), que passou sua infância numa fazenda, desenvolvendo uma segunda personalidade, um duplo tão solitário quanto ele. Sua mais recente incursão no mundo do doppelgänger é *O Homem das Multidões*, sobre um flâneur cujo duplo tem alma de assassino. É sua mais ambiciosa produção (R\$ 1,7 milhão). Cao faz o que Pasolini definiu como cinema de poesia, distinto do cinema de prosa, verborrágico. / A.G.F.

que acompanha o cotidiano do eremita Dominginhos, morador numa caverna da montanha (ele morreu num asilo).

Em busca de seres isolados o cineasta acabou encontrando um personagem de Edgar Allan Poe e fez dele o protagonista de seu novo filme, *O Homem das Multidões*, dirigido em parceria com o pernambucano Marcelo

Gomes. No conto de Poe, um londrino do século 19 segue um decrépito flâneur na rua e descobre que ele nunca volta para casa, dirigindo-se sempre a lugares com muita gente. Cao conta que fez dele um mineiro de Belo Horizonte. Quase um doppelgänger, como no premiado *Otto - Eu Sou Um Outro* (1998), que lhe abriu as portas de Sundance.



DIVULGAÇÃO

**Solidão.** Cena de *Andarilho*, sobre a relação caminhar e pensar

## DESTAQUES



● **Histórias do não Ver**  
Entre 1996 e 1998, Cao pediu a várias pessoas que o sequestrassem. De olhos vendados, ele fotografou suas impressões



● **Quarta-Feira de Cinzas**  
Curta da coleção permanente da Tate Modern de Londres, mostra formigas transportando restos do carnaval para o formigueiro



● **Inventário de Raivinhas**  
Série de quatro vídeos com atos que irritam, como enfiar linha na agulha ou abrir porta emperrada